

JAGUARÃO COMO EXPERIÊNCIA TURÍSTICA: UMA ETNOGRAFIA SOBRE INICIATIVAS DE “TURISMO RURAL” NA FRONTEIRA

ALEF FRANCO CALDEIRA¹; GUILHERMO ADERALDO²

¹Universidade Federal de Pelotas – alefcaldeiratur@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – guiade@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem por objetivo apresentar alguns aspectos da pesquisa que venho desenvolvendo, ainda em fase inicial, no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, sobre iniciativas de turismo rural no município de Jaguarão, Rio Grande do Sul. O estudo originou-se de inquietações surgidas a partir de minha participação em um curso ministrado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) em parceria com a Prefeitura Municipal, Sindicato Rural de Jaguarão e Secretaria de Turismo e Cultura (SECULT) da cidade, tendo início do ano de 2022.

A pesquisa visa problematizar antropologicamente o modo pelo qual agentes públicos, em parceria com setores da iniciativa privada e proprietários rurais do município de Jaguarão tem se esforçado por construir a região como “lugar turístico”, em meio a uma economia simbólica afetada pela vivência pandêmica. O caso nos permite interpelar o modo pelo qual o imaginário de “risco sanitário” estimulado pela pandemia de COVID-19 tem sido apropriado por iniciativas de exploração turística interessadas na ênfase de experiências mais “conscientes” ou “alternativas”.

Neste sentido, interessa testar etnograficamente, a hipótese de que a pandemia de COVID-19 pode ser entendida como elemento chave na construção de ações e políticas públicas visando desenvolver a atividade turística em Jaguarão. O estudo consiste numa investigação de caráter etnográfico sobre o processo de constituição política e treinamento pedagógico de agentes voltados ao chamado “turismo rural” no município de Jaguarão, tendo em vista o uso do imaginário social vinculado à pandemia no processo de construção simbólica do lugar como atração turística.

O objetivo geral da pesquisa consiste no esforço de entender etnograficamente o processo de construção de Jaguarão como lugar turístico, a partir das iniciativas que visam o desenvolvimento do chamado “turismo rural” na região, com ênfase no modo pelo qual o imaginário social ligado à experiência da pandemia de COVID-19 é operado para reforçar uma leitura dicotômica e hierarquizada da fronteira campo/cidade.

Como objetivos específicos, pretendo entender quais políticas de planejamento estão presentes no processo de construção das práticas de “turismo rural”; como são apropriados e reproduzidos os valores associados ao turismo rural por parte de agentes turísticos e autoridades públicas. Também espero notabilizar quem são os agentes de turismo envolvidos na construção desses imaginários e os efeitos práticos da concretização dessas iniciativas na vida cotidiana da população.

2. METODOLOGIA

O presente estudo está sendo desenvolvido a partir de uma perspectiva analítica centrada no “paradigma das novas mobilidades” (SHELLER & URRY, 2006) e na chamada “Antropologia das Mobilidades” (VIDAL E SOUZA E GUEDES,

2021). Segundo Vidal e Souza e Guedes (2021), a perspectiva teórica das mobilidades depende de uma concepção relacional do espaço. Ou seja, põe ênfase no entendimento de que os espaços não podem ser concebidos como estruturas pré-construídas, fixas e ontologicamente estáveis, mas sim como o resultado de uma série de processos que envolvem a circulação seletiva de informações, imagens, pessoas, objetos e imaginários. Assim, parte-se aqui do princípio de que os lugares também viajam (em cartões postais, peças de marketing, campanhas publicitárias, discursos, fotografias etc.).

Nesta linha, Ingold (2012) aponta para o movimento como algo essencial para o entendimento dos processos socioterritoriais. Afinal, os lugares não podem ser encarados como elementos estáticos. Ao contrário disso, o autor situa o movimento como uma dimensão central na constituição dos lugares.

Inspirado na ideia da “educação da atenção” (INGOLD, 2010) tenho participado do Curso ministrado pelo SENAR, no intuito de compreender como é criado e transmitido o imaginário do turismo rural para a formação dos agentes que irão trabalhar com o segmento no município, o que torna relevante, para além das observações diretas, o uso da chamada “etnografia de documentos”, no que diz respeito a análise de imagens, slides, cartilhas entre outros materiais. Um exemplo é o manual intitulado “Planejando e implantando restaurantes rurais” disponibilizado pelo curso em um dos encontros.

Para Ferreira e Lowenkron (2020, p. 8) “não se pode analisar o que é dito sem atentar para o modo como está inscrito em diferentes suportes materiais”. As autoras, neste sentido, apontam para a dimensão performativa dos documentos, ou seja, sobre o que eles dizem ou registram, mas também (e principalmente) o que permitem fazer. Dessa forma, os documentos constituem “tecnologias centrais na produção e fabricação das realidades que governam, sejam elas corpos, territórios, relações” (FERREIRA; LOWENKRON, 2020, p. 7).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O turismo tem um papel fundamental na construção de imaginários que, a partir da apropriação de imagens, memórias, ideias, entre outros fatores, contribuam para a promoção dos lugares para exploração (URRY, 1995). Nesse sentido, alguns trabalhos têm investido esforços analíticos sobre os processos constitutivos da construção turística dos lugares.

Um exemplo notável, no tocante aos processos de elaboração do imaginário turístico dos lugares é o trabalho de Pinho (2018) sobre a apropriação e transformação de espaços em lugares turísticos através da ideia dos “turismos de diásporas”, no qual a autora evidencia a relação entre turismo e processos identitários. Em uma das questões centrais de seu texto ela aponta para o paradoxo do “turismo afro-diaspórico”, uma vez que essa modalidade precisa insistir na diferença com o “outro” e, ao mesmo tempo, depende do reforço da aposta na semelhança entre turistas e habitantes “locais”. A Bahia é considerada um exemplo de experiências deste tipo, dado que se trata de um verdadeiro “centro de africanidade no Brasil”, para onde turistas afro-americanos de extratos médios e altos (interlocutores privilegiados no trabalho da autora) viajam, com vistas a ter contato com suas supostas “raízes”. O lugar é visto como a “África das Américas”.

No caso específico das iniciativas que venho acompanhando em Jaguarão, uma questão fundamental é a aposta no perfil do chamado “novo turista”. Nesta representação, portanto, o “novo turista” corresponderia a um perfil mais preocupado com a conservação socioambiental, assim como com as atividades ao ar livre, a valorização dos produtores rurais e a proteção da “cultura local” e a

“conexão com o eu”. Tratar-se-ia, deste modo, de um turista “engajado” com o ambiente e com a busca de experiências próximas àquelas compartilhadas pela população “local”. Tal exemplo nos permite identificar – a partir de diálogo com a literatura contemporânea - o modo pelo qual a indústria turística se apropria de imagens, discursos, objetos e espaços para a construção dos “lugares turísticos”.

Com base na identificação dessa pluralidade de estratégias, interessa, nos termos de reflexão da pesquisa, evidenciar alguns aspectos que relacionam as atividades turísticas à categoria “alternativo”. Devemos, neste sentido, considerar que a maneira pela qual as pessoas estão tratando a questão do consumo vem se modificando por inúmeras razões (impactos ambientais, principalmente). Em razão disso, surgem iniciativas “alternativas” que tratam da politização de uma série de atividades em torno das formas de consumir. No mesmo sentido surgem novos nichos de mercado para se apropriar dessas situações. É o caso do movimento turístico que tem sido identificado na literatura por meio da expressão “Slow tourism”, que focaliza elementos como a viagem lenta, o turismo lento, ecoturismo, turismo sustentável, preocupação com o meio ambiente, a busca pela desaceleração no mundo atual, o prazer e o lazer, bem como a conexão mais substancial com as “comunidades locais” (FULLAGAR; MARKWELL; WILSON, 2012).

A esse respeito, Hall (2012) nos apresenta um trabalho sobre as relações entre os movimentos “Slow Food” e o “Slow Tourism”. Primeiramente, o autor apresenta a ideia de consumo sustentável, presentes e difundidas nas práticas individuais e coletivas da sociedade. Existem inúmeras variações da ideia de consumo sustentável, mas o cerne se dá a partir da oposição ao hiperconsumo e a responsabilidade e consciência a respeito da quantidade e da exploração dos recursos naturais. A partir dessas relações o autor evidencia o discurso do Slow Food, que parte de uma ideia de oposição às multinacionais das indústrias alimentícias e agrícolas e, conseqüentemente, à padronização dos gostos e culturas alimentares. O movimento foca então na gastronomia, na ética, no prazer e no consumo sustentável da comida e dos alimentos produzidos pelos produtores locais e as relações com o cultivo, produção, identidade e biodiversidade.

Dessa forma, o movimento Slow Food foi parte importante do processo de disseminação da ideia de consumo desacelerado e sustentável no turismo. A questão é que, tal movimento, contribuiu para uma série de iniciativas como práticas de transformação individual, a educação, o engajamento através do conhecimento compartilhado, o consumo local, entre outros, mas também, segundo Hall (2012), estimulou outras questões que merecem ser problematizadas, como a apropriação dessas formas de consumir pelo marketing, transformando “práticas conscientes” em objeto de desejo e consumo, o que nos permite interrogar sobre a relação entre práticas de consumo e engajamento político. Segundo os apontamentos de Fullagar, Markwell e Wilson (2012), essa nova característica de Slow Tourism precisa ser problematizada como uma nova forma de consumir espaços, ou seja, um novo mecanismo capitalista de produção dos lugares a partir de práticas “alternativas”.

4. CONCLUSÕES

Com a pandemia de COVID-19 a disseminação de práticas alternativas, segurança e saúde se potencializou, ainda mais, mediante uma nítida midiaticização da ideia de que vivemos em uma “sociedade do risco” (Beck, 2011 [1986]). Uma apropriação oportuna, portanto, para transformar uma crise sanitária, ambiental, política e social num recurso político e comercial.

Em hipótese, as iniciativas de turismo rural com as quais tenho tomado contato em Jaguarão parecem indicar idealizações que servem como mecanismos de construção e comercialização turística do lugar e que foram potencializadas comercialmente em função da pandemia. O discurso do turismo rural, ao apostar na ênfase em características como o “ar puro”, o “distanciamento” das aglomerações urbanas, entre outras, embasadas numa representação específica (e idílica) da fronteira entre natureza e cultura, parece reforçar um imaginário de segurança e proteção fortemente atribuído à experiência pandêmica. A pandemia, portanto, surge como um elemento novo (e central) para construção de Jaguarão como lugar turístico a partir do turismo rural.

No entanto, até o presente momento foram realizados apenas dois módulos do Curso de turismo rural no município, sendo que o curso contém nove módulos na sua totalidade. Dessa forma, espera-se produzir mais dados através da continuidade do trabalho de campo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECH, Ulrith. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010. 384 p.

FERREIRA, Letícia; LOWENKRON, Laura. Encontros etnográficos com papéis e outros registros burocráticos. In: FERREIRA, Letícia; LOWENKRON, Laura. Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias. Rio de Janeiro: E-Papers, 2020. p. 5-16.

FULLAGAR, Simone; MARKWELL, Kevin; WILSON, Erica. Starting Slow: thinking through slow mobilities and experiences. In: FULLAGAR, Simone; MARKWELL, Kevin; WILSON, Erica. Slow Tourism: experiences and mobilities. 54. ed. Bristol: Channel View Publications, 2012. p. 1-10. (ASPECTS OF TOURISM).

HALL, C. Michael. The Contradictions and Paradoxes of Slow Food: environmental change, sustainability and the conservation of taste. In: FULLAGAR, Simone; WILSON, Erica; MARKWELL, Kevin. Slow Tourism: experiences and mobilities. 54. ed. Bristol: Channel View Publications, 2012. p. 53-68. (ASPECTS OF TOURISM).

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

PINHO, Patricia de Santana. Turismos diaspóricos: mapeando conceitos e questões. Tempo Social: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 113-131, mai/ago. 2018.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. Environment and Planning A, v. 38, n. 2, p. 207-26, 2006.

URRY, John. Consuming Places. London e New York: Routledge, 1995.

VIDAL E SOUZA, Candice; GUEDES, André Dumans. Introdução. In: SOUZA, Candice Vidal e; GUEDES, André Dumans. Antropologia das mobilidades. Brasília: ABA Publicações, 2021. p. 8-27.